



## Como ler a filosofia da mente

ENTREVISTA com Prof. Dr. JOÃO DE FERNANDES TEIXEIRA<sup>1</sup>

Por Prof. Dr. Ana Maria Guimarães Jorge\*


**João de Fernandes Teixeira** bacharelou-se em filosofia pela USP e obteve o grau de mestre em lógica e filosofia da ciência na UNICAMP. É PhD. pela University of Essex, Inglaterra. Fez pós-doutorado no Centro de Estudos Cognitivos da Tufts University, em Boston, tendo como orientador o Prof. Daniel Dennett. É pesquisador do CNPq. Integra o programa de pós-graduação em filosofia da Universidade Federal de São Carlos onde é professor titular. É também professor convidado no TIDD da PUC-SP. Publicou vários livros na área de filosofia da mente e ciência cognitiva, dentre os quais se destacam *Filosofia da Mente e Inteligência Artificial* (Edições CLE-UNICAMP, segunda edição 2006), *Mente, Cérebro e Cognição* (Vozes, terceira edição 2008) *Filosofia e Ciência Cognitiva* (Vozes, 2004) e *Filosofia da Mente: neurociência, cognição e comportamento* (Claraluz, 2005).

### 1. Poderia fazer um relato sobre sua trajetória nos estudos da cognição? O que esse livro atual “Como ler a filosofia da mente” representa a essa altura de sua ação de pesquisador?

*Comecei a me interessar por ciência cognitiva e filosofia da mente no início da década de 1980, quando era aluno do mestrado em lógica e filosofia da ciência na UNICAMP. Em seguida houve dois grandes episódios que marcaram minha formação nessa área: meu doutorado na Inglaterra, onde vivi por quatro anos e meu pós-doutorado nos Estados Unidos, dez anos depois, com Daniel Dennett. Ao longo de toda essa trajetória, que já dura mais de 20 anos, posso dizer que mantive uma motivação filosófica fundamental: o estudo do problema mente-cérebro-consciência. Quanto ao “Como ler a Filosofia da Mente” este é meu nono livro. Meu primeiro publiquei em 1990, na coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, chamava-se “O que é Inteligência Artificial” e hoje está esgotado. De lá para cá muita água rolou sob a ponte. Escrevi vários tipos de livros, alguns paradidáticos, outros de divulgação e outros onde expus algumas de minhas idéias acerca de mente e cognição. Alguns foram bem recebidos, outros não.*

*O objetivo do livro que publico agora é dito logo na primeira página: apresentar a filosofia da mente em 60 minutos, sem perder a precisão e a seriedade que o assunto requer. O convite que recebi da Editora Paulus, para iniciar a coleção “Como ler Filosofia” nesse formato foi um verdadeiro desafio. Sigo, assim, a idéia*

<sup>1</sup> Entrevista baseada no recente livro de João Teixeira Fernandes, **Como ler a filosofia da mente**. São Paulo: Paulus, 2008.



mestra dessa coleção: fazer um livro simples, curto, de linguagem acessível, para ser usado por alunos de graduação em filosofia, psicologia, ciência da computação e áreas afins. Por causa desse formato, ele é um livro muito barato: custa apenas dez reais.

Mas é preciso estar atento para o fato de que, embora o propósito central do livro seja expositivo, o livro possui o mérito de sustentar algumas teses que podem ser polêmicas, que se não forem entendidas pelos neófitos o será pelos iniciados. Um exemplo disso é a sugestão de que algumas posições wittgensteinianas não poderiam ser mantidas depois do aparecimento da neuroimagem - que sugiro na forma de uma provocação ao leitor que ler o capítulo sobre o materialismo. Arrisco também algumas especulações acerca da relação entre neuroimagem e filosofia da mente. Não resisti também à tentação de adicionar algumas pitadas de humor em algumas passagens, como, por exemplo, no capítulo sobre Descartes e também quando digo que os materialistas têm medo de assombração.

## **2. Como vê a dissociação e a unificação dos termos mente-corpo e mente-cérebro?**

Essa é uma ótima questão. No que diz respeito às relações entre mente e cérebro não vejo com simpatia as posições reducionistas. Isso quer dizer: não tenho simpatia por projetos teóricos que visam à redução do mental ao cerebral. Defendo um materialismo não-reducionista. A mente não se reduz ao cérebro, da mesma maneira que no jogo de xadrez as regras e estratégias não se reduzem à composição físico-química do tabuleiro e das peças. Mas isso não é dualismo. O jogo de xadrez tem uma realidade independente do material que utilizamos para fazer as peças e o tabuleiro, mas não haveria jogo de xadrez se não dispuséssemos de algum material para representar o tabuleiro, as peças, e as regras. Não podemos suprimir inteiramente o material com o qual construímos um tabuleiro e suas peças. Essa é a idéia do materialismo não-reducionista.

Ora, essa posição foi muito defendida pelos filósofos da mente da década de 1970, que a batizaram com o nome de funcionalismo. Eles diziam que a mente era o software do cérebro (hardware). Mas o que eles mais enfatizavam era que o substrato material da mente poderia ser variado indefinidamente. Com isso eles queriam justificar a possibilidade de que dispositivos que não têm a mesma composição físico-química de nosso cérebro, como, por exemplo, os computadores, também podem ter uma vida mental, dependendo de seu software.

*Esse tipo de funcionalismo da década de 1970 é uma posição muito exagerada e quase ninguém o defende hoje em dia. Pois ela implica que qualquer dispositivo, desde que possa efetuar computações, poderia, em princípio, instanciar uma mente.*

*Talvez meu notebook pudesse adquirir uma mente se tivesse o software adequado.*

*Ora, atribuir todo esse peso somente ao software é algo questionável. Não podemos mais ignorar o papel do cérebro na produção da mente. Por outro lado, parece que a neurociência hoje em dia quer passar a idéia de que somente seres dotados de um cérebro semelhante ao nosso poderiam pensar e ter experiências conscientes, como se somente os pássaros pudessem voar e não os aviões, por serem estes últimos feitos de metal e não terem asas.*

*Mas um novo tipo de funcionalismo está aparecendo e, com ele, uma nova maneira de conceber o materialismo não-reducionista. Esse novo funcionalismo está surgindo da necessidade urgente de se pensar a interseção entre a robótica e a neurociência, o que é, hoje em dia, um grande desafio para a ciência cognitiva. A robótica tem mostrado que precisamos de dispositivos específicos para simular comportamento inteligente e, também, que isso não é privilégio de cérebros humanos.*

### **3. Ao longo dos anos, a comunidade científica mundial vem atribuindo diferentes sentidos a diversos princípios conceituais. Como os limites entre "consciência" e "mente" são definidos em processos de investigação experimentais?**

*O problema é que eles não são bem definidos. Se você pegar um livro como o de Crick e Koch "The Astonishing Hypothesis" vai verificar que eles usam o termo "consciência" como se fosse sinônimo de mente. Contudo, se você ler algumas páginas do "The Conscious Mind" de David Chalmers, vai verificar que os termos não são definidos de modo sinonímico.*

*Há também uma grande confusão entre os sentidos da palavra "consciência", que às vezes é usada como se designasse "mente" e outras como se designasse "autoconsciência". Não bastasse isso, há a confusão suscitada pela língua inglesa, que fala de "awareness" e "consciousness".*

*Creio que dificilmente chegaremos a um consenso quando se fala de consciência e tampouco se mente e consciencia são a mesma coisa como quer uma grande maioria de neurocientistas. É por isso que será difícil um dia aceitarmos como*

*definitiva qualquer teoria da consciência que nos seja apresentada, seja por filósofos, seja por cientistas. Na verdade não sabemos exatamente do que estamos falando e a confusão lingüística/semântica é reflexo disso.*

**4. Há possibilidade de se conceber que haja conhecimento imediato dos conteúdos mentais? E a mediação nesse processo de autoconsciência sobre o que se pensa no momento em que se pensa?**

*Descartes achava que temos acesso direto ao conteúdo de nossos pensamentos. E, de fato, não precisamos de nenhum tipo de instrumento para acessarmos nossa mente; esse acesso parece ser imediato, o que já não ocorre, por exemplo, com o nosso fígado. Precisamos fazer no mínimo uma radiografia do nosso fígado para saber o que está acontecendo nele. Nesse sentido, Descartes parecia ter razão.*

*Hoje já não temos certeza se sabemos tudo o que pensamos, pois há quem acredite na existência de crenças inconscientes, ou seja, de estados mentais cujo conteúdo seria inconsciente. Não acreditamos mais que mente seja co-extensiva à consciência. Mas acho que nem Descartes parecia acreditar nisso. Ele teria sido mal interpretado. Outro dia estive lendo uma carta que ele endereçou ao padre Gibieuf onde ele praticamente admite a existência de um inconsciente.....Veja só!*

**5. Quais os pontos fracos e fortes do “localismo” como tendência de investigação cognitiva e que tipo de relevância tem para seus estudos atuais?**

*Temos aí duas premissas que divergem, ou seja, que não acredito que possam ser aproximadas.*

*Localizacionismo e holismo / equipotencialismo cerebral são posições opostas. Hoje em dia a neurociência optou pelo localizacionismo, pois acha que sua principal tarefa é elaborar um mapa do cérebro. Haveria regiões especializadas no cérebro, cada uma responsável por uma determinada função. Cada uma corresponderia a um determinado “mecanismo cerebral”. O holismo acredita no oposto; que o cérebro funciona “por mutirão” onde todas as regiões colaboram num determinado momento para executar uma tarefa.*

*A neuroimagem contribuiu muito para o localizacionismo, mas mesmo assim ainda não há um consenso quanto ao modelo de cérebro que deva ser adotado. Sabemos hoje que as funções cognitivas básicas correspondem áreas especializadas do cérebro, o que nos impulsionaria em direção ao localizacionismo, mas ainda não se chegou à mesma conclusão quanto às chamadas funções cognitivas superiores ou complexas.*

*Como todos os filósofos da mente, tenho acompanhado de perto a evolução desse tipo de investigação. Seus resultados influenciarão de forma decisiva o modo de conceber a mente. Há quem pense que o localizacionismo nos levará inevitavelmente ao reducionismo, o que seria mais difícil no caso do holismo/equipotencialismo onde a idéia de uma “função distribuída” não nos permitiria uma equação tão rápida entre função cognitiva e área cerebral/grupo de neurônios.*

**6. Quanto à afirmação, em termos locais, que estados mentais podem ser reduzidos a estados cerebrais (neuroimagem), o que é entendido como *qualia* estaria ignorado nesse processo?**

*Penso que os *qualia* continuarão indetectáveis pela neuroimagem. Se pensar em algo “amarelo” faz com que a mesma região do meu cérebro e do seu cérebro cintile, ainda assim não há como detectar, pela neuroimagem, se o amarelo que estou percebendo é mais intenso do que o seu. Creio que o problema dos *qualia* é ainda um grande desafio a ser enfrentado pela ciência.*

**7. O que vem a ser o contato causal entre o físico e o mental? A ligação entre físico e mental sempre foi explicada com base num tipo de causalidade (causa-efeito/ação-reação)?**

*Não sabemos ainda como esse contato ocorre, tampouco se ele de fato ocorre. Há algumas hipóteses neurológicas, mas ainda especulativas. E, em geral, o que se quer explicar é como o mental pode causar algo no mundo físico, seja um comportamento ou uma alteração no corpo. Esse é o problema da causação mental, que atualmente desafia os filósofos da mente. Queremos saber como é possível um estado mental modificar o nosso corpo, como é possível “morrer de amor”, como*

*nos diz Antonio Damásio. Se antes se tentava saber como a matéria poderia afetar a mente, agora parece que o problema se inverteu: é preciso explicar o contrário, que embora seja algo intuitivo e que possamos observar no dia-a-dia ainda permanece um mistério. Como um aborrecimento pode alterar meu corpo? "Aborrecimento" não é algo subjetivo, um estado mental que pode afetar uns e não outros? Como o aspecto subjetivo de um estado mental pode ter força causal?*

## **8. Como concebe o futuro dos estudos de filosofia da mente e de ciência cognitiva no Brasil?**

*Nos últimos anos tem havido uma verdadeira explosão de interesse pelos estudos de ciência cognitiva e filosofia da mente. Para se ter uma idéia, há dois anos inaugurei um site, "Filosofia da Mente no Brasil" [www.filosofiadamente.org](http://www.filosofiadamente.org) só com material da área em português. Esse site já teve mais de 6.000 visitantes. Há um interesse crescente por filosofia da mente por parte de estudantes de filosofia, psicologia e ciência da computação. Estudos que relacionem mente e cérebro são uma grande inquietação na segunda metade do século XX e no século XXI. No Brasil isso não é exceção, embora estejamos longe de atribuir-lhes a mesma importância e os mesmos investimentos que lhes são destinados nos Estados Unidos, no Canadá, na China e na Europa.*

*Mas a academia brasileira tem sido míope. O despreparo e a desatualização de nossos docentes traduziu-se em preconceito contra essas novas disciplinas. O caso da filosofia é o pior. Ao contrário do que se poderia esperar, alguns professores de filosofia no Brasil ainda são extremamente dogmáticos e avessos a qualquer novidade.*

*A academia sempre foi historicamente míope em toda parte do mundo. Mas no Brasil há um fator agravante: sua incapacidade de se organizar impede o desenvolvimento de iniciativas interdisciplinares. Isso está levando há muitos equívocos. Um deles é essa moda atual de achar que ciência cognitiva é neurociência, ou melhor, apenas neurociência. Estamos desenvolvendo uma geração de neurocientistas que, como diz uma colega minha, "querem pegar pensamento com pinça".*

[\*Prof. Dr. Ana Maria Guimarães Jorge é professora da Faap-SP e USP. Diretora executiva do Centro Internacional de Estudos Peirceanos. Coordenadora do grupo de estudos em Filosofia da Mente do CIEP/PUC-SP. Pesquisadora do Instituto Interdisciplinar de Estudos de Auto-Organização da UNICAMP.]